

Claudia Carvalho Gaspar Cimino



**ENSINO DE ARTES VISUAIS:
CONSTRUINDO IMAGENS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Claudia Carvalho Gaspar Cimino

ENSINO DE ARTES VISUAIS:

CONSTRUINDO IMAGENS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

CIMINO, Cláudia Carvalho Gaspar, 1964 -
Ensino de Artes Visuais: Construindo imagens sobre o patrimônio
cultural: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Cláudia Carvalho
Gaspar Cimino. – 2015.
59 f.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Ensino de Artes Visuais: Construindo imagens sobre o patrimônio cultural*, de autoria de Claudia Carvalho Gaspar Cimino, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Melissa Etelvina Oliveira Rocha - Orientador

Juliana Silveira Mafra – Membro da Banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha família, meu marido e meus filhos. Aos meus colegas de curso, professores, tutoras e, em especial, minha orientadora, Melissa. Agradeço muito a oportunidade de ter realizado este curso. Aos meus alunos da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, professores, direção e demais funcionários. Não poderia deixar de agradecer ao Setor Educativo do Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora pelo apoio e parceria. E, por fim, agradeço também a todos que contribuíram comigo para a construção desta história.

RESUMO

Este trabalho pretende desenvolver uma reflexão acerca do ensino de artes visuais e o patrimônio cultural, buscando demonstrar que a associação de conteúdos destas áreas tende a gerar um reconhecimento por parte dos alunos e a valorização do trabalho desenvolvido em arte. Ao conhecer, respeitar e valorizar as diversas representações de patrimônio, tanto naturais, quanto materiais e imateriais, especialmente os mais próximos de sua realidade pessoal, o aluno aprimora o espírito de pertencimento, de cuidado e preservação, além da valorização pessoal e da cultura local e/ou universal. Com o intuito de desenvolver uma pesquisa evidenciando a prática docente, buscou-se a conceituação teórico-metodológica em artes visuais, a aplicação da linguagem fotográfica como base para a criação artística na prática escolar e a análise contextualizada das imagens durante todo o processo.

Palavras-chave: Artes visuais, ensino de arte, fotografia, patrimônio cultural.

RESUME

This work aims to develop a reflection on the visual arts and cultural patrimony education, seeking to demonstrate that the content aggregation of these areas tends to generate a recognition by the students and the appreciation of the work of art. To know, respect and value the diverse patrimony of representations, both natural, and material and immaterial, especially those closest to their personal reality, the student enhances the spirit of belonging, care and preservation, as well as personal development and local culture and / or universal. In order to develop a survey showing the teaching practice, sought to theoretical and methodological concepts in visual arts, the application of the photographic language as the basis for artistic creation in school practice and contextualized analysis of the images throughout the process.

Keywords: visual arts, art education, photography, cultural patrimony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: RENNÓ, Rosângela. Série Imemorial.....	28
Figura 2: RENNÓ, Rosângela. Duas lições de realismo fantástico.....	29
Figura 3: SAGGESE, Antonio. Marcenaria.....	30
Figura 4: Imagens da exposição “Retratos oitocentistas no Museu Mariano Procópio”.....	36
Figura 5: Convite virtual da exposição “Retratos oitocentistas no Museu Mariano Procópio”.....	37
Figura 6: Alunos observando as imagens da exposição “Retratos oitocentistas no Museu Mariano Procópio”	40
Figura 7: Fotos produzidas pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves.	42
Figura 8: Tipo indígena representada pela aluna Graciely Aparecida.....	44
Figura 9: Maria do Carmo Motta Maia representada pela aluna Andressa Cunha.....	44
Figura 10: Viscondessa de Cavalcanti representada pela aluna Rayane Mateus.....	45
Figura 11: Baronesa do Retiro representada pela aluna Bruna Dias	45
Figura 12: Barão do Retiro representado pelo aluno Caio Silva	45

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: Observando imagens.....	12
1.1: Percepções sobre arte e docência estética	14
1.2: Conexões entre arte, docência e patrimônio cultural	17
Capítulo 2: Contextualizando imagens	22
2.1: A leitura estético-visual das imagens.....	23
2.2: Relações entre arte, história da arte e fotografia	25
Capítulo 3: Construindo imagens.....	32
3.1: O processo de criação e a prática artística	33
3.1.1: Apreciação fotográfica e contextualização histórica	39
3.1.2: O olhar do artista e a fotografia nas artes visuais.....	43
3.2: Reflexões sobre a imagem na criação artística	46
Considerações finais	50
Anexos	51
Referências	56

Introdução

Este trabalho se fundamenta na proposta de analisar a importância da utilização de temas relacionados ao patrimônio cultural no ensino de artes visuais, visto que o conhecimento do assunto pelo aluno tende a gerar aspectos positivos quanto à sua postura enquanto ser criativo e social. Ao conhecer, respeitar e valorizar as diversas representações de patrimônio, tanto naturais, quanto materiais e imateriais, especialmente os mais próximos de sua realidade pessoal, o aluno aprimora o espírito de pertencimento, de cuidado e preservação, além da valorização pessoal e da cultura local e/ou universal.

No intuito de desenvolver uma pesquisa evidenciando a prática docente e a realização do trabalho em sala de aula, a metodologia utilizada buscou envolver, além da conceituação teórico-metodológica em artes visuais, a aplicação das atividades na prática escolar e a análise dos resultados finais obtidos.

O desenvolvimento do trabalho partiu do princípio de que a associação das vivências cotidianas e a contextualização histórico-temporal dos temas evidenciados no ensino de artes visuais, com foco no patrimônio cultural, contribuem na construção da identidade do aluno, instigando também para que exista uma reflexão no que se refere às imagens a que estamos expostos no mundo atual.

Partindo destes princípios, a apresentação da monografia se inicia com a análise da prática docente e da fruição estética, desenvolvendo, a partir do primeiro capítulo, uma reflexão sobre a observação das imagens, percepções e conexões entre arte, docência e patrimônio cultural.

No segundo capítulo apresenta-se uma apreciação da leitura estético-visual das imagens e da importância de sua contextualização histórica, tomando como ponto principal a técnica fotográfica e sua evolução como linguagem artística.

O processo de criação e a prática artística são trabalhados no terceiro capítulo, onde se encontra retratada a realização das atividades desenvolvidas com os alunos e a apreciação e contextualização das imagens na construção de novos sentidos e olhares em relação à criação em artes.

Através das considerações finais sobre o resultado das observações e análises realizadas ao longo de toda a pesquisa pretende-se delinear, de forma sucinta, as vantagens e oportunidades decorrentes da associação do ensino de artes visuais e patrimônio cultural, instigando novos caminhos a serem percorridos na docência artística.

Capítulo 1: Observando imagens

A percepção e o olhar em relação à arte são o fundamento de nossa vida no que se refere à produção de símbolos e a construção ou reconstrução de significados. A arte reafirma nossa identidade e nos torna capazes de relacionar a aprendizagem dentro do universo de conhecimentos, experiências e vivências. Como referência de espaço criativo e do desenvolvimento da percepção individual e coletiva, a arte possibilita a existência de condições favoráveis à ressignificação de valores e inserções pessoais, sociais e culturais em relação ao mundo que nos cerca. Nós somos o que “fazemos”, como vivemos e o que deixamos como nossa marca pela passagem no universo (GASPAR, 2012, p. 13).

A presente monografia partiu da concepção de que a relação entre o ensino de artes visuais e o patrimônio cultural pode tornar-se um importante ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho artístico nas escolas. Advém da crescente percepção de que o homem define sua própria história e que, através de suas escolhas, também res-significa conceitos pré-existentes e transforma condições sociais e culturais.

Quando nos percebemos como sujeitos históricos, participantes do processo de construção, tanto da nossa história individual quanto da história coletiva, percebemos também a importância de vivências passadas e o entendimento dessas mesmas experiências para nosso próprio conhecimento e postura diante das situações.

Percebemos o quanto é fundamental esse conhecimento para nossa formação docente e pessoal, instigando a visão crítica da evolução do ensino da arte no Brasil e esclarecendo aspectos como o uso de termos diferenciados para a abordagem deste ensino ao longo dessa evolução histórica.

A evolução da História da Arte e o conceito do que é Arte permearam, em todo o tempo, o direcionamento do Ensino da Arte no Brasil, ainda que as mudanças deste conceito viessem a se materializar aos poucos.

Apesar das transformações ocorridas ao longo da História no Brasil, percebemos que o ensino da arte sempre foi tratado a serviço de algum objetivo, para suprir uma necessidade econômica, política ou social. E isto, muitas vezes, persiste até os dias atuais, fazendo com que o ensino da arte seja visto como um reforço e um apoio para as demais áreas do conhecimento.

Além disso, ainda existem dificuldades para que o ensino da arte seja visto com a importância que realmente tem, já que a cultura que vigora é aquela que foi criada ao longo dos anos, isto é, a de que a Arte é uma disciplina de menor valor comparada às demais.

A formação continuada do professor/educador, assim como as pesquisas científicas e discussões pertinentes ao tema são fundamentais para essa percepção e também para a divulgação do conhecimento e de uma preocupação, existente hoje, em garantir ao ensino da arte a importância que nele reside, pois Arte é uma área de conhecimento. O interesse por esta formação interfere de forma preponderante nesta visão, porque o professor que permanece na busca incessante por novos conhecimentos tende a alimentar sua alma constantemente com diferentes aprendizados, abrindo espaço para construir conexões, caminhos que ainda possam ser desvendados na docência artística.

As pesquisas acadêmicas no campo da arte, de certa forma, são recentes, e também é relativamente nova a visão da arte como área de conhecimento, que diverge da concepção desta disciplina como suporte a outras de maior valor. Assim, a produção deste trabalho na área artística pode contribuir para a disseminação do conhecimento da arte, ampliação do seu contato com outras áreas e para fomentar a discussão acadêmica a seu respeito.

Segundo Beá Meira:

Vinte anos atrás a disciplina de arte era um espaço de expressão, de liberdade que o aluno tinha dentro da escola, um momento que ele podia de fato se expressar livremente, experimentar algumas coisas, mas era tratado pela instituição escola como uma coisa paralela. Ajudava no funcionamento da escola, mas não era tratado como um ensino que contribuía de forma efetiva para a formação do aluno. A aula de arte era um espaço de liberdade, de criatividade, mas não tinha essa importância central que hoje ela tem. E por que ela tem essa importância? Primeiro porque o ensino se tornou interdisciplinar, para poder lidar com esta quantidade imensa de conteúdos que a gente tem que lidar hoje na escola. Nesse momento, descobre-se que a arte é a disciplina interdisciplinar por excelência. (MEIRA, 2011, p. 55).

Ainda, de acordo com a mesma autora, “a disciplina de arte passou a abarcar um conteúdo enorme. Não é só expressão” (MEIRA, 2011, p. 56). Nada na vida acontece isoladamente e uma coisa acaba se relacionando com a outra, de uma forma ou de outra. Nesse sentido, a arte funciona como um fio conector, que pela expressão humana, sinaliza as ligações existentes entre as diversas faces de um mesmo objeto ou situação.

Sabemos que temos um enorme desafio pela frente, como o de construir caminhos para o reconhecimento da importância da arte por si só. Mas isto só acontecerá quando essa mudança começar de dentro de nós mesmos, numa busca maior que faz parte de todo um processo pessoal e educacional. Porque a arte pode trabalhar conceitos e reflexões, levando-nos a ter novas visões de mundo. Também por isso a arte é fundamental à vida.

1.1 Percepções sobre arte e docência estética

A obra de arte está dentro e fora de nós, ela é nosso dentro ali fora. É isto que faz dela um objeto especial – um ser novo que o homem acrescenta ao mundo material, para torná-lo mais humano. A arte não seria uma explicação do mundo, mas de assimilação de seu enigma. Se a ciência e a filosofia pretendem a explicação do mundo, esse não é o propósito da música, da poesia ou da pintura. A arte, abrindo mão das explicações, nos

induz ao convívio com o mundo inexplicado, transformando sua estranheza em fascínio (GULLAR, 1993, p. 83).

O fazer em arte está vinculado ao aprender/ensinar arte. É uma ação processual, que envolve etapas que não são ordenadas linearmente, nem têm posições específicas, mas que se conectam entre si. O artista criador é, ao mesmo tempo, professor e aprendiz. Ao ensinar, também aprende e repensa sua percepção em relação ao próprio trabalho e à própria vida. E, especialmente, torna-se capaz de despertar em seus alunos um olhar crítico. Capaz de tornar clara a percepção de que a arte não é um simples fazer, mas um fazer que tem a capacidade de interferir no modo de pensar, que propõe perguntas e respostas e que, muitas vezes, pode ter um significado além do próprio fazer. Significado este que é fundamental na construção do ser cultural.

O professor/artista, neste sentido, torna-se um propositor, que munido dos conhecimentos e das técnicas artísticas, irá propiciar aos alunos uma série de questionamentos, muitas vezes sem respostas imediatas, mas que os instigam na criação de suas próprias reflexões e vivências estéticas.

Nas palavras de Sueli Lima:

A contribuição que o arte educador tem a dar hoje para a educação está no âmbito da liberdade de interrogar o mundo, na inovação. É ensinar o aluno a pensar o mundo livremente, e voltando ao Paulo Freire, incorporar o pensamento de que as coisas não são, as coisas estão sendo e isso tem tudo a ver com a arte. O professor precisa pensar ensinar como mediar porque como mediador o professor não é o detentor do conhecimento e o aluno não é alguém que não sabe nada. O professor se contamina do que o aluno traz e o aluno se contamina do que o professor traz. O professor tem que conhecer aquele universo que é o do aluno (LIMA, 2011, p. 196).

A arte contemporânea, nesse sentido, veio inovar o conceito de arte e de docência estética, conforme elucidada Beá Meira:

Uma coisa muito importante da arte contemporânea é que essa diferença entre o professor e o artista desaparece. É muito importante pensar isso para nós como professores. Entendermos o ensino como arte e a arte como ensino, porque isso é arte contemporânea (MEIRA, 2011, p. 57).

O valor e o sentido da arte contemporânea se traduzem na relação que o espectador estabelece com a obra e não na própria obra. Existe uma relação de questionamento/aprendizagem que se instaura no contato deste com a mesma e, em muitos casos, ele, o espectador, participa ativamente da construção da obra, definindo o resultado final através de um diálogo único que se forma a cada contato com o público.

Esta concepção torna-se muito próxima do ensino de arte pautado na proposta de educação estética utilizada neste trabalho, que tem como base a Abordagem Triangular sistematizada pela arte educadora Ana Mae Barbosa e que busca a valorização dos três eixos no ensino da arte: a prática, a vivência e a contextualização artística.

De acordo com Maria Christina Rizzi:

A Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das quatro ações decorrentes: decodificar, experimentar, refletir e informar (RIZZI, 2008, p. 345).

O processo ensino-aprendizagem acontece de forma sequencial, em um desenvolvimento que mantém uma continuidade, no qual o aluno realiza produções artísticas, experimenta diferentes leituras das obras e consegue exercitar a contextualização dessa vivência estética.

Esta sequência, porém, não tem que seguir uma ordem específica. As três ações básicas podem ser combinadas aleatoriamente, culminando em diferentes possibilidades de criação metodológica para o ensino de arte.

1.2 Conexões entre arte, docência e patrimônio cultural

A relação entre o patrimônio cultural e o ensino de artes visuais vem reforçar a visão da arte como área de conhecimento, pois quando temos a possibilidade de conhecer nosso patrimônio, quando nos tornamos mais próximos da nossa própria história, temos maior consciência de nossa identidade e do cuidado que devemos ter com a preservação dos bens naturais, materiais e imateriais que constituem este mesmo patrimônio.

Ao perceber que o que é público também faz parte da história individual de cada um de nós, torna-se mais fácil a noção de pertencimento ao grupo social e a necessidade de lutar pela manutenção dos elementos da nossa história.

Como comprovam as palavras de Adriana Russi, Juliana Bezerra, Maria Vittoria Pardal e Valéria Alencar:

Consideramos que práticas que articulam os saberes locais dos alunos em seus contextos socioculturais com os saberes instituídos pelos conteúdos na educação básica podem suscitar interessante experiência multidisciplinar. Assim, a educação para o patrimônio, antes de se tornar mais um conteúdo ou atividade isolada dos demais conhecimentos escolares pode assumir o sentido de ampliar o olhar do educando para o patrimônio cultural (RUSSI et al., 2011).

Segundo a Constituição Federal Brasileira (1988, art. 216), entende-se por patrimônio cultural “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, onde estão incluídos, entre outros, “as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver” e todas as manifestações artístico-culturais, “criações científicas, artísticas e tecnológicas”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB 9304/96, a arte e a cultura passaram a ser vistos como fatores determinantes no ensino formal, promovendo o

desenvolvimento cultural dos alunos, o acesso à experimentação e à pluralidade. Entre os objetivos gerais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) para o ensino fundamental podemos citar: o conhecimento e a valorização da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, posicionando-se contra qualquer tipo de discriminação; a contribuição para a melhoria do meio ambiente e a percepção como ser integrante, dependente e agente transformador do mesmo; o desenvolvimento do conhecimento de si mesmo, buscando a inserção pessoal e o exercício da cidadania; a utilização das diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produção, expressão e comunicação de ideias na interpretação e fruição dos diferentes produtos culturais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais expressam também, especificamente, no que se refere ao ensino de arte:

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (BRASIL, 1997, p. 19).

Assim, o trabalho proposto em arte envolvendo a temática do patrimônio cultural e da educação, busca uma metodologia “centrada no ensino que utiliza o patrimônio cultural e seus bens como artifício pedagógico e fonte primária de instrução” (ANTONIO, 2012, p. 19).

Percebendo a arte como fato histórico que tem seu contexto inserido nas diversas culturas, o trabalho procura incentivar o conhecimento de que todo patrimônio reconhecido como tal pela comunidade (ou por parte dela), reflete uma escolha temporal consolidada através da memória social. E essa escolha será sempre relacionada ao valor artístico, estético e histórico que foi atribuído a esse produto cultural.

Nas palavras de Carolina Antônio:

O ensino da arte engendrando a educação patrimonial permite o acesso à obra de arte, tanto no domínio da sua especificidade artística, quanto no domínio do seu campo cultural, sendo assim os conhecimentos sobre memória e patrimônio são logicamente favorecidos através dessa mediação, possibilitando a decodificação dos bens culturais, tornando-se uma ferramenta importante de acesso e experiência da cidadania, assim, o valor da investigação, na valorização e salvaguarda do Patrimônio é suscitado (ANTONIO, 2012, p. 21).

A utilização de temas relacionados ao patrimônio cultural no ensino de arte propicia o autoconhecimento, a valorização da identidade e a integração social. Auxilia na compreensão e identificação pessoal do aluno como participante e formador de um grupo social.

Nesse sentido, o trabalho ressalta também as reflexões de Ecléa Bosi, Violette Morin, Maurice Halbwachs e Michael Pollak e suas contribuições teóricas sobre temas como memória individual e coletiva, história, identidade e memória social.

Ecléa Bosi (1994) e Violette Morin (1969) trazem questões fundamentais sobre a memória, lembranças e referenciais pessoais em relação aos aspectos da vida cotidiana. A importância que inserimos em objetos, imagens, móveis e/ou lugares, que fazem parte de nossa vida e se constituem como referências pessoais de identificação.

Em *Os espaços da memória*¹, Bosi ressalta que a casa materna é como “o centro geométrico do mundo”, referenciando-a como ponto inicial para a percepção do bairro e da cidade, que “cresce a partir dela, em todas as direções”. Para a autora, este é o espaço da primeira infância, que pode incluir dentro e fora da casa, o quintal, um pedaço da rua ou o próprio bairro.

Segundo Ecléa Bosi, a memória é formada por afetos, sons, móveis, objetos, cantos que ajudam a reviver as lembranças. Os objetos representam uma experiência vivida. A autora reforça que estes são os que Violette Morin denominou “objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida” (MORIN, 1969, p. 133). Diferente dos objetos

protocolares, que são objetos de consumo, valorizados pela moda e que se deterioram, os “objetos biográficos” permanecem guardados e são insubstituíveis.

O espaço onde vivemos “há de contar um pouco do que fomos, porque as coisas que modelamos durante anos tomaram algo do que fomos” (BOSI, 1994. p. 443). A casa, o bairro, as ruas, o trajeto para a escola ou alguns dos pontos da cidade podem significar a representação de um mapa afetivo da própria cidade. Os detalhes chamam a atenção e a mudança ou a perda pode significar um provável esquecimento, pois “as lembranças se apoiam nas pedras da cidade” (BOSI, 1994. p. 439).

Esta percepção, demonstrada por Bosi, é fundamental para entender a formação de nossa identidade e tomar conhecimento de nossa posição no mundo. As lembranças individuais encontram reforço na memória coletiva. No que se refere aos espaços públicos, somente o grupo pode resistir e mudar o curso das transformações, evitando perdas em locais significativos dos bairros e da própria cidade.

Maurice Halbwachs² (2004) e Michael Pollak³ (1992) apresentam reflexões e contribuições sobre memória individual e coletiva. O processo de formação de memória e sua constituição como memória social e formação da história. Os autores nos mostram como e porque a história oral, ou as histórias de vida, são importantes na construção da memória social e na manutenção desta mesma história e identidade social.

Conhecer e valorizar a si mesmo e ao outro, reconhecendo o que é nosso, pode se tornar o primeiro passo para a preservação do patrimônio cultural e o trabalho de arte na escola.

Assim, acredito não haver limites para a criação, tanto no que se refere às atividades e linguagens artísticas, quanto às apropriações de assuntos

¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 434-452.

² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

³ POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200 a 212. Rio de Janeiro: 1992.

relacionados ao tema, podendo ser trabalhadas as questões sobre o patrimônio cultural de diferentes formas no contexto educacional.

Capítulo 2: Contextualizando imagens

Assim como o conhecimento histórico é subjetivo, as imagens também o são. Todo texto e toda imagem carregam consigo a visão de mundo de seu autor. Para construir uma interpretação a partir deles, devemos, primeiramente, fazer uma análise crítica do autor (CATELLI JUNIOR, 2009, p. 18).

A arte pode ser considerada como uma forma de representação do real, visto que é também uma forma de expressão da visão humana e de um posicionamento em relação ao mundo. Não é uma ação desvinculada e aleatória de um momento da vida. Não tem a intenção de propor soluções, mas essencialmente, de formular perguntas. Perguntas que, muitas vezes, não têm resposta naquele momento, mas que despertam novos olhares e percepções. Provocam transformações, fazendo desta relação com a vida o que torna a arte essencial ao homem.

Na evolução da história da arte podemos perceber que toda produção artística tem uma marca histórica e temporal. Desde os primórdios, em suas várias linguagens, as criações artísticas nos contam uma história através do tempo, referenciada na própria evolução humana, seus contatos, suas relações individuais, sociais e sua época.

Uma pintura, uma escultura ou uma fotografia podem não nos revelar a realidade, porém elas nos dão indícios de uma visão sobre a realidade, traduzida pelo olhar de quem as produziu. Referem-se a uma interpretação pessoal do autor sobre a realidade vivenciada por ele.

No texto “A arte como forma de representação do real e como fonte histórica: do Romantismo ao Impressionismo”, Roberto Catelli Junior ressalta estes aspectos, afirmando que qualquer imagem “pode ser utilizada como fonte de reflexão e informação histórica. No entanto, é preciso não reduzi-la a uma mera ilustração ou tomá-la como verdade absoluta (CATELLI JUNIOR, 2009,

p. 18)”. Ainda segundo suas palavras: “o artista interpreta a realidade, segundo seu estilo e um movimento artístico”.

Neste sentido, é fundamental a contextualização histórica e temporal no que se refere ao ensino da arte. Ao conhecermos a história de vida do artista e entendermos o período histórico da produção de determinada obra ou objeto artístico, podemos compreender e formular hipóteses em relação aos objetivos e intenções que o levaram a conceber aquele produto. Os motivos da opção por esta ou aquela linguagem artística, por determinada forma de retratar a imagem ou por usar determinadas cores. Todos os detalhes devem ser analisados e estudados. E ainda assim, o resultado desta análise não significa estabelecer o que realmente existiu, mas é apenas uma entre as muitas possibilidades de leitura ou percepção existentes.

O conhecimento sobre arte e o contexto em que ocorre a produção artística permite também uma leitura mais apurada dos signos e das linguagens formais utilizadas na apropriação da técnica escolhida pelo artista. É como se tornasse mais fácil desvendar o mistério, explicar o inexplicável. E a partir disto, construir novas apropriações. Recriar, abstraindo o essencial.

2.1 A leitura estético-visual das imagens

Ler, então, é compreender que uma representação é uma construção, uma montagem. É, portanto, indagar-se sobre os seus sentidos que alguém dá a ver, com base nas configurações históricas, artísticas, culturais, ideológicas e políticas de um determinado tempo e espaço. Por isso, é legítimo falar tanto em leitura de um texto quanto em leitura de um quadro (SCHLICHTA, 2009, p. 49).

A leitura de uma imagem, aparentemente mais simples que a leitura de um texto, abrange uma percepção mais aguçada e requer um repertório cultural

mais amplo. Quanto maior a experiência de apreciação estética e mais subsídios tiver o observador, maior será a interação significativa com esta mesma imagem, ultrapassando os limites da mera visão do que está apenas aparente.

A existência da contextualização histórica das obras e dos movimentos artísticos, assim como o conhecimento da evolução da história da arte tornam-se primordiais para que exista, de fato, uma maior fruição estética. A compreensão dos sentidos e o domínio do repertório artístico e cultural é que irão permitir uma assimilação mais completa da leitura estético-visual.

De acordo com Consuelo⁴, “uma imagem representa, torna presente qualquer coisa ausente, é um modo de reapresentação do ausente” (SCHLICHTA, 2009, p. 48), sendo esta sua função de “transparência”. Mas também existe a função de “opacidade”, quando a mesma exhibe sua própria presença enquanto imagem. Ela representa o ausente, mas também o que está presente, que é a própria imagem, sendo, portanto, diferente do que está ausente. Desta forma, “ler uma imagem é, ao mesmo tempo, assimilação da sua *transparência* (o que se quer mostrar) e da sua *opacidade* (do que não se vê)” (SCHLICHTA, 2009, p. 49).

Segundo a mesma autora, não existe uma neutralidade nas imagens. Na verdade, elas estão carregadas de sentido ideológico e mesmo o conhecimento dos elementos visuais não significa o entendimento e a compreensão completa das mesmas. É possível perceber alguns detalhes formais e da técnica da imagem, e mesmo do estilo do artista, sem chegar a uma apreensão total do sentido da obra.

A leitura das imagens, no que se refere à apreciação e apreensão das mesmas, contribui de forma relevante para a formação do indivíduo, alargando sua compreensão da vida e da realidade e instigando sua forma de olhar e ver

⁴ SCHLICHTA, Consuelo. *Mundo das ideias: arte e educação, há um lugar para a arte no ensino médio?* Curitiba: Aymar, 2009, p. 48. A autora faz uma referência aos escritos do historiador Roger Chartier no livro CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Tradução: RAMOS, Patrícia Chittoni. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 48 e 165.

as coisas que o cercam, além de ser importante na construção de sua própria história.

2.2 Relações entre arte, história da arte e fotografia

Arte é essa experiência da delicadeza, das nuances. A percepção das nuances na arte, o sentimento das nuances na arte é uma espécie de treinamento não consciente para a percepção de outras coisas na vida⁵ (FAVARETTO, 1999).

O conceito de arte passou por diversas transformações ao longo dos tempos, assim como a evolução histórica e social de sua representação cultural, além de continuamente passar por questionamentos e discussões sobre o seu significado.

De acordo com o professor de filosofia Celso Favaretto⁶ (1999), os padrões clássicos e a concepção romântica de identificação artística e estética, que visualizam a arte como uma tradução de obra-prima, incluindo atributos como a beleza, perfeição e harmonia são reconhecidos permanentemente como o conceito tradicional do que é arte.

Porém, após a invenção da fotografia, o desenvolvimento de novas linguagens e o contexto sociopolítico que dominou meados do século XIX e início do século XX, a arte se desvinculou de padrões pré-definidos e houve o

⁵ In SCHMIDLIN, Elaine. *Isto é arte?* / Instituto Arte na Escola; autoria de Elaine Schmidlin; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006, p. 3.

⁶ Disponível no DVD *Isto é Arte?* Documentário produzido com trechos da palestra proferida por Celso Favaretto no espaço Itaú Cultural em julho de 1999.

surgimento de novas manifestações artísticas, com tendências que dão início ao período que ficou conhecido como modernismo.

A arte moderna representa a ruptura com a arte do passado, buscando experimentalismos e transgressões dos padrões estéticos de composição formal, perspectiva, uso da cor e representação da realidade. A partir de então, como esclarece Celso Favaretto, a obra de arte assumiu características divergentes do modelo tradicional, incorporando outros aspectos conceituais, como o questionamento estético da beleza clássica e a denominação de objeto em substituição à palavra obra (obra-prima).

No que se refere à fotografia, com o advento das novas tecnologias e as descobertas sobre as possibilidades das técnicas fotográficas, os caminhos da história da arte e da evolução da fotografia como linguagem artística seguiram por diferentes trajetórias.

Na história da arte, o gênero retrato e as imagens humanas sempre foram realizados, com finalidades diversas, entre elas, a comemorativa, religiosa ou funerária e são encontrados na pintura, na escultura, especialmente nos bustos, em relevos de moedas, medalhões e cédulas, entre outros, desde a antiguidade como forma de representação e projeção social.

O papel da pintura na arte, muitas vezes resumido, até então, ao aspecto documental, a retratar os personagens e o mundo real, precisou ser redimensionado, abrangendo novas concepções estéticas, enquanto a fotografia assumia com perfeição este propósito, utilizando as novidades tecnológicas.

Passando por várias etapas na evolução da técnica desde o momento de seu surgimento, a fotografia como linguagem e processo tecnológico desenvolveu-se, atingindo uma grande popularização nos dias atuais. Na chamada era digital, com a existência da internet e dos diversos aparelhos que possibilitam produzir e divulgar uma foto, como os celulares, *tablets* e computadores, a fotografia tornou-se uma linguagem de uso global.

Inicialmente direcionada para o uso jornalístico, publicitário ou científico, com maior utilização na documentação, registro de fatos e na construção de acervos, a fotografia, posteriormente, também passou a ser entendida como linguagem artística, podendo dela se apropriar diversos artistas na criação de suas obras.

De acordo com Luis Moraes Coelho, Patrícia Azevedo e Paulo Baptista (2009) o *pictorialismo*, no final do século XIX, foi o primeiro movimento em que fotógrafos buscaram um reconhecimento artístico em suas produções, trazendo “os valores estéticos de composição, enquadramento, temas e visualidade estabelecidos pela pintura para suas fotos” (COELHO et al, 2009, p. 38).

A partir de então, artistas e fotógrafos começaram a perceber as possibilidades de aproximação entre estas linguagens, surgindo diversas investigações e experiências de união entre a fotografia e a criação artística. No Brasil, destaca-se o trabalho desenvolvido na década de 1950, pelo fotógrafo Geraldo de Barros, com experimentações e interferências nos negativos fotográficos; as montagens conceituais de Waldemar Cordeiro e a obra da artista plástica Rosângela Rennó, que se apropria de fotos e textos de autores anônimos para compor suas obras.

O trabalho da artista contemporânea Rosângela Rennó busca ampliar o território da fotografia, tentando alargar o olhar do espectador para as possíveis significações e ressignificações que se perpetuam como um vestígio na imagem. A artista tenta, a todo tempo, chamar a atenção para o fato de que a foto é muito mais do que se vê e tem uma relação intrínseca com a escolha pela lembrança e pelo esquecimento de seu possuidor. O descarte da mesma, o desinteresse pela manutenção de arquivos. O que se quer manter vivo na memória, o que se pretende esquecer e o motivo disto, muitas vezes velado na imagem, mas presente em seu contexto (Figura 1).

A artista insere em sua obra questionamentos em relação às imagens que se oferecem como uma denúncia silenciosa de caráter político-social, promovendo reflexões. Ao se apropriar das imagens de arquivos fotográficos

públicos e reconstruir significações, Rosângela Rennó nos mostra que, muitas vezes, a escolha pela manutenção dos acervos e pelas próprias imagens reflete a evidência da memória e o desejo da lembrança, relação essencial que se verifica na criação de todo patrimônio cultural.



Figura 1: RENNÓ, Rosângela. Série Imemorial, 1994. Disponível em <<http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/19/1>> Acesso em 17/out/2015.

Rennó propõe um trabalho conceitual, questionando a relação humana com a imagem e a representação artística da fotografia. Utiliza fotos já existentes, recolocando em circulação imagens descartadas e propondo uma readequação das mesmas no espaço do sistema institucional da arte, criando estranhamentos (Figura 2).

Este exercício do olhar e da percepção das imagens proposto pela autora é que se torna o diferencial na obra de Rosângela Rennó.

O mundo é muito rápido. Hoje tudo é muito rápido. E eu vejo cada vez mais uma necessidade de guardar documentos, de guardar vestígios de coisas que passam muito rapidamente. Simplesmente

fiz fotografia para lidar com a ideia de memória ou da falta dela, e porque você quer se comunicar sobre este assunto, desta velocidade toda, deste esquecimento que o ser humano está fadado a viver dentro⁷ (RENNÓ, 2002).

A banalidade com que as imagens são vistas e tratadas no mundo de hoje se transforma no alerta que a artista traz para a sociedade e para o espectador em sua obra, suscitando a aprendizagem do questionamento e a procura por novas traduções das imagens cotidianas e dos meios de comunicação e de massa.



Figura 2: RENNÓ, Rosângela. Duas lições de realismo fantástico, 1991. Disponível em <<http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/38/2>> Acesso em 17/out/2015.

Fazendo da fotografia seu principal suporte de criação, Rennó trabalha também com o espaço que esta imagem ocupa, criando instalações e ressaltando aspectos relacionados à memória familiar, social e afetiva.

Outro fotógrafo que também merece ser citado pelo seu trabalho contemporâneo é Antonio Saggese, cujo empenho, segundo Sebastião

⁷ In BUCHMANN, Luciano. *As imagens de Rosângela Rennó* / Instituto Arte na Escola; autoria de Luciano Buchmann; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005, p. 5.

Pedrosa e Rosa Vasconcellos, é “restituir à fotografia uma outra possibilidade de ser”, assim como tentar “desalojar a tradição que a fotografia vem carregando desde a sua invenção: a sua aderência ao aderente, a fotografia como espelho de um real” (PEDROSA e VASCONCELLOS, 2006, p. 3).

Saggese comenta sobre a sua obra como um constante jogo de construção. “Por um lado é uma mentira; por outro lado é uma mentira que todo mundo acredita” (SAGGESE, 2002). Ele diz que, de alguma forma, está sempre querendo mostrar às pessoas que aquilo é uma fotografia, que “tem toda uma construção, que é feita, que apresenta alguma coisa, mais do que representa alguma coisa” (SAGGESE, 2002).

Este jogo de apresentação e representação é que transforma sua obra em uma arqueologia das imagens, fazendo um jogo também com as imagens, em que uma fotografia tem outras dentro dela, figuras que nos olham enquanto olhamos para elas, como num jogo de espelhos, conforme a própria definição do artista (Figura 3).



Figura 3: SAGGESE, Antonio. Marcenaria, São Paulo SP, 1989. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10603/antonio-saggese>> Acesso em 17/out/2015.

A perenidade das imagens e da própria fotografia aparece ainda como tema de seus questionamentos, visto que a cor do papel cria uma atmosfera significativa e denuncia, inclusive, a ação contínua do tempo na imagem, pois uma foto velha é amarelada. O esquecimento é reforçado pela aparência, pelo acúmulo de pó e pelo abandono.

Neste sentido, sua obra se aproxima conceitualmente das proposições de Rosângela Rennó: Na relação que a fotografia revela com a memória e o esquecimento e na construção da própria imagem, pois o artista também se apropria de fotos e imagens que não são de sua autoria em algumas de suas obras, propondo discussões sobre a circulação das mesmas na internet, disponíveis e ao alcance de todos.

Assim, na arte contemporânea, a fotografia tem-se solidificado como uma linguagem artística, sendo base para a criação de conceitos e obras que contribuem com o processo da noção de pertencimento e construção do mundo.

Capítulo 3: Construindo imagens

Na linguagem da arte, há criação, construção, invenção. O ser humano, por meio dela, forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo. Atribui significados a sons, gestos, cores, com uma intenção, num exercício que mais parece um jogo de armar, um quebra-cabeça no qual se busca a forma justa. Vários caminhos são percorridos, várias soluções são experimentadas, num processo de ir e vir, um fazer/construir lúdico-estético que, embora comparado a um jogo, tem a diferença de que esse jogo e suas regras são inventados enquanto se joga e por quem joga (MARTINS, 2009, p. 47-48).

Toda produção no campo da arte passa por caminhos de formação e transformação, buscando uma reflexão estética que envolve a subjetividade do olhar criativo, a percepção/recepção individual ou coletiva dos observadores (que também se constitui de visões subjetivas e/ou culturais) e a intercomunicação com outras áreas do conhecimento.

Na apropriação dos significados apreendidos com a leitura individual do mundo, cada um cria associações de acordo com suas expectativas historicamente constituídas e sua abordagem de leitura, construindo sentidos próprios. Não só os conhecimentos prévios interferem na construção dessas diferentes leituras, mas também os diferentes propósitos com que cada observador / fruidor se aproxima da imagem.

Configura-se, assim, a importância de novas proposições para o ensino de arte, que visam propiciar vivências estéticas de maior simbolismo para os alunos. Uma aproximação mais detalhada e contextualizada dos conceitos criativos e da abordagem a ser utilizada pela técnica artística.

A união e a utilização de temas sobre o patrimônio cultural local no ensino de arte cria uma necessidade diferenciada para a aproximação do aluno com as manifestações culturais, criando também diferentes propósitos de leitura das

mesmas. Pontos de vista que criam diferentes focos de leitura e observação visual, gerando novas formas de criação e expressão artísticas.

3.1 O processo de criação e a prática artística

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, desse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 2007, p. 9).

O processo de criação artística e a escolha das linguagens diferenciadas no momento de colocar em prática o desenvolvimento da poética pessoal do aluno devem ser trabalhados de forma constante no ensino de arte.

No intuito de criar experimentações sobre a prática artística proposta nesta pesquisa, foi desenvolvida uma metodologia de trabalho e a criação de uma proposta psicopedagógica direcionada ao universo do ensino médio, época escolar em que o aluno tem maior possibilidade de fazer as conexões entre os diversos conhecimentos apreendidos anteriormente, em todos os conteúdos disciplinares, e sua vivência pessoal e cotidiana.

O trabalho foi realizado com a turma do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Coronel Manuel Carneiro das Neves, escola que se situa em Paula Lima, um bairro afastado do centro da cidade de Juiz de Fora, onde, apesar de ser pequena, a escola tem uma representatividade muito grande, oferecendo o ensino fundamental completo, do primeiro ao nono anos, e o ensino médio, com apenas uma turma por série.

O planejamento de todo o projeto buscava uma atividade docente diferenciada, que integrasse o contexto dos alunos, conhecimentos em arte,

patrimônio cultural e as propostas pedagógicas, explorando o interesse dos alunos pela técnica da fotografia, sua relação com o cotidiano atual e a utilização de uma parceria com as ações educativas do Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora.

Entre as ações educativas desenvolvidas pelo Museu Mariano Procópio existe o projeto “‘Museu vai à Escola’, que tem por objetivo sensibilizar e motivar os diferentes públicos para a temática da arte e da cidadania, além de estimular a criação de hábitos culturais, através de exposições itinerantes em escolas” (SANTANA e MELO, 2015, p. 160). Este projeto do Museu disponibiliza quatro exposições itinerantes, que podem ser levadas para as escolas, e que permanecem em uma exposição aberta para visitação durante quinze dias, facilitando o acesso dos alunos e da comunidade escolar   mesma.

Nas palavras de Aline Santana e Elayne Melo:

Há de se considerar também que a exposi o promovida nas escolas pelo Museu Mariano Procópio provoca reflexões voltadas para a forma o de valores históricos, sociais e culturais do público escolar, além de estreitar as rela es do museu com a escola. Por isso, a proposta educacional desenvolvida pelo professor poderá envolver a Educa o Patrimonial. A Educa o Patrimonial pode ser abordada a partir do conhecimento proporcionado pela exposi o na escola, levantando-se questões de pertencimento, de valoriza o e de preserva o do patrimônio cultural de Juiz de Fora, representado no acervo do Museu Mariano Procópio (SANTANA e MELO, 2015, p. 162).

A exposi o “Retratos Oitocentistas no Museu Mariano Procópio” (Figura 4), que integra o projeto “Museu vai   escola” apresenta reprodu es de fotografias de diversas autorias, cujas obras permitem apresentar a evolu o fotográfica no Brasil em imagens selecionadas do acervo do Museu, possibilitando a visualiza o dos processos e técnicas antigas, algumas delas pioneiras, como a daguerreotipia⁸.

⁸ “Daguerre, em 1837, conseguiu produzir uma imagem positiva, bastante detalhada, do canto do seu est dio. Nomeou sua descoberta de daguerreótipo. Em agosto de 1839 a patente foi comprada pelo governo francês, que doou o invento para todo o mundo. Um daguerreótipo consiste em uma placa de cobre extremamente polida, sobre cuja superfície a imagem   produzida pela forma o de um amálgama de prata e mercúrio, resultando em uma imagem de muito alta defini o, porém extremamente frágil, pois não há no processo uma substância ligante que faça a adesão do amálgama   placa de cobre” (COELHO, Luis Moraes et al. Fotografia e



tecnologias contemporâneas. Vol. 2. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009, p. 23).



Figura 4: Imagens da exposição “Retratos oitocentistas no Museu Mariano Procópio”, 2015. Arquivo pessoal.

Segundo o texto de apresentação da exposição, de autoria do atual diretor do Museu Mariano Procópio, Douglas Fasolato, as imagens retratam a elite local do século XIX, representada pelos Barões do Retiro e pela Baronesa de Santana, assim como personagens da vida cotidiana da cidade, como o historiador Albino Esteves, os jornalistas Heitor de Alencar e Francisco Lins, entre outros. Na exposição estão incluídas fotografias etnográficas, como as de negros (oito das quais de Alberto Henschel) e de índios, entre os quais retratos produzidos pelos fotógrafos Joaquim Ayres e Marc Ferrez, reunidos em um dos álbuns da Viscondessa de Cavalcanti. Os retratos permitem revelar os hábitos e os costumes de uma época, representados em cenas de estúdios.

Durante o período de 18 a 29 de maio de 2015 (Figura 5), a exposição “Retratos Oitocentistas no Museu Mariano Procópio” ficou exposta na escola, propiciando a aproximação dos alunos com as imagens fotográficas do século XIX e com alguns personagens da história da cidade.



Figura 5: Convite virtual da exposição “Retratos oitocentistas no Museu Mariano Procópio”, 2015. Arquivo pessoal.

A partir do início do trabalho e das possibilidades surgidas com a visitação à exposição itinerante, surgiu, através de uma ideia conjunta com os alunos, o projeto de criação de releituras fotográficas de algumas das obras do Museu Mariano Procópio, com pesquisas sobre os costumes e vestimentas da época, assim como dos modos de se ver e de se representar perante a sociedade.

O projeto buscava traduzir a importância do olhar do fotógrafo e de sua autoria na execução do trabalho, mesclado às limitações técnicas fotográficas existentes no período histórico.

Os objetivos gerais e específicos do trabalho visavam possibilitar aos alunos:

- Conhecer fotógrafos e artistas que utilizam a linguagem fotográfica em seus trabalhos.
- Conhecer os aspectos técnicos, estéticos, históricos, sociais e artísticos que envolvem a representação imagética fotográfica, intrinsecamente relacionada à luz e às maneiras pelas quais percebemos visualmente a realidade.

- Visualizar fotografias do acervo fotográfico do Museu Mariano Procópio desenvolvidas no século XIX, percebendo as informações históricas e artísticas contidas nas imagens.
- Caracterizar um trabalho fotográfico, percebendo seus materiais, temas e conceitos.
- Desenvolver o hábito de fotografar e o domínio dos materiais/equipamentos fotográficos, conhecendo as inúmeras possibilidades de se usar os materiais e os efeitos técnicos, assim como pesquisar os efeitos visuais diferenciados obtidos com a luz e os tipos de iluminação na produção fotográfica.
- Perceber a luz/cor como informação e sua influência na constituição fotográfica e artística.
- Perceber detalhes e imagens do cotidiano com um olhar diferenciado e representá-los artisticamente através da linguagem fotográfica.

Como recursos didáticos foram utilizados materiais de informática e Datashow para apresentação de imagens e vídeos, imagens da exposição “Retratos Oitocentistas do Museu Mariano Procópio”, livro didático *Por toda parte*⁹, imagens em papel, livros, revistas, máquina fotográfica digital ou celular com câmera digital.

A metodologia, apoiada na Proposta da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, trouxe para a prática docente e discente a fruição estética, a contextualização do conhecimento e o domínio da técnica através da prática artística, no exercício do fazer e criar.

Nesse sentido, os alunos tiveram contato com trabalhos diferenciados desenvolvidos com a utilização da técnica fotográfica por artistas, fotógrafos e outros profissionais que se apropriam desta linguagem como possibilidade criativa. Através do conhecimento de diferentes obras fotográficas, da evolução das técnicas e processos de fotografia e da apropriação dessas mesmas técnicas na criação de obras por artistas ao longo da história, os

alunos puderam exercer uma atividade prática em fotografia, aplicando os conhecimentos adquiridos e trabalhando posteriormente as fotos para obter o resultado final desejado.

3.1.1 Apreciação fotográfica e contextualização histórica

As fotos oferecem informações visuais que nos auxiliam a compreender escolhas, acontecimentos e práticas sociais; elas congelam um instante que só se prolonga e ganha sentido no olhar, na leitura e na interpretação das imagens (GUIMARÃES, 2012, p. 52).

A vivência estética foi iniciada através de projeção multimídia, imagens em papel e livros apresentando aos alunos obras de diversos artistas que utilizam a técnica fotográfica, chamando a atenção para as diversas formas de representação visual através do olhar desses artistas.

Buscou-se ressaltar a importância histórica da fotografia, desde sua criação pelo homem até a sua relação com a evolução e o contexto histórico de cada época. Após uma explanação geral, os alunos foram levados a perceber as imagens retratadas, estilos e cores, além de sua infinidade de possibilidades criativas.

Esta percepção fundamentava-se na compreensão de que uma fotografia nem sempre traduz “a realidade”, mas sim, uma representação da realidade pelo olhar de quem a produziu, assim como qualquer outra criação artística. A percepção do olhar, que capta a realidade, que eterniza esse instante, se traduz pela linguagem da fotografia, na visão única e pessoal de um momento.

⁹ FERRARI, Solange dos Santos Utuari et al. *Por toda parte*: volume único. 1. ed. São Paulo: FTD, 2013.

A iluminação representa um elemento fundamental na fotografia. Quando temos o olhar preparado para captar a influência da luz sobre os objetos na composição fotográfica, podemos alcançar uma maior expressividade na linguagem da fotografia.

Após a montagem da exposição “Retratos Oitocentistas do Museu Mariano Procópio”, ocorrida na escola no dia 18/05/15, os alunos fizeram uma visita guiada durante a aula de Arte, momento onde foram feitos comentários sobre cada uma das obras, sobre as pessoas retratadas, suas posturas, sobre a composição artística das obras, assim como foram levantados os motivos que possivelmente representaram o interesse do fotógrafo em retratar cada uma daquelas pessoas (Figura 6).



Figura 6: Alunos observando as imagens da exposição “Retratos oitocentistas no Museu Mariano Procópio”, 2015. Arquivo pessoal.

A representação fotográfica de personagens e figuras importantes da elite local e também a representação de índios e negros pelo interesse do fotógrafo, muitas vezes com o objetivo de criação de *souvenir*, imagens que despertavam a curiosidade da época.

A contextualização das imagens com o momento histórico, especialmente no século XIX e a comparação com o momento atual, onde a fotografia e as imagens têm uma disseminação global, atingindo todas as classes sociais e permitindo o acesso e a utilização indiscriminada da técnica fotográfica.

Com a apresentação do vídeo sobre Fotografia (CEEAV/EBA/UFMG) e a experiência estética vivenciada pelos alunos com a visita à exposição

“Retratos Oitocentistas do Museu Mariano Procópio”, houve um debate sobre as percepções individuais e coletivas de forma geral, tanto no que se refere à composição das obras, quanto às pessoas retratadas, sua postura e posição nas fotos e as roupas e adereços utilizados.

Os alunos foram incentivados a desenvolver outras pesquisas na sala de informática ou em outro local, em sites direcionados¹⁰, com indicações sugeridas antecipadamente sobre artistas e fotógrafos, buscando uma apreciação estética da técnica fotográfica e de suas diversas possibilidades de apresentação.

Após a vivência visual fotográfica, os alunos fizeram uma prática experimental criando fotografias, na qual deveriam utilizar os aspectos técnicos e de iluminação de forma consciente. Nesta prática, criaram fotografias buscando representar uma paisagem, uma pessoa, um animal ou um objeto.



¹⁰ <<http://prezi.com/ei-yugmn65dl/notas-sobre-a-imagem-anpap-2013/#>>
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>; <<http://www.pedromeyer.com/>>
<www.geraldodebarros.com/>
<<http://povosindigenas.com/fotografos/>>
<<http://www.colecaopirellimas.art.br/apresentacao/>>



Figura 7: Fotos produzidas pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, 2015. Arquivo pessoal.

Na percepção dos aspectos sociais do processo fotográfico e sua relação com a memória e identidade social, os alunos buscaram analisar as fotografias como forma de representações visuais de identidades individuais e/ou sociais.

A partir da leitura de trechos do artigo “O que revelam nossos álbuns de família?” (GUIMARÃES, 2012, p. 47) houve uma aula sobre o caráter documental da fotografia, sua utilização como fonte histórica e suas características de formação de memória e identidade social.

Os alunos tiveram conhecimento das diversas possibilidades da imagem fotográfica, incluindo vários campos: Foto jornalística, de moda, documental, social, legista, turística e artística, entre outros.

Perceberam a importância de pensar conscientemente a produção fotográfica e os recursos técnicos estudados para execução das fotografias. A escolha da imagem fotográfica, de certa forma, é também a escolha de como a pessoa quer se mostrar e ser vista pelos seus contemporâneos.

3.1.2 O olhar do artista e a fotografia nas artes visuais

O exercício do fazer nesta prática fotográfica foi aprimorado com a apresentação do trailer do “Documentário Janela da Alma¹¹” de João Jardim e Walter Carvalho e dos DVDs “Antonio Saggese: A arqueologia da imagem¹²” e “As imagens de Rosângela Rennó¹³”, quando os alunos puderam fazer um aprofundamento sobre a questão da utilização da fotografia por artistas contemporâneos nas artes visuais.

Utilizando os conhecimentos adquiridos e o olhar direcionado pelas vivências em fotografia, os alunos foram levados a exercitar a prática autoral fotográfica, criando fotografias que continham o olhar artístico e estético como foco principal, trabalhando com releituras das obras do Museu Mariano Procópio.

Para a execução das fotografias, foram selecionadas as obras da exposição “Retratos Oitocentistas do Museu Mariano Procópio” que seriam retrabalhadas e quais seriam os materiais necessários para a execução do trabalho: produtos para maquiagem, roupas de época, acessórios e objetos que seriam utilizados nas fotos. As tarefas foram divididas entre os alunos e foi feita a seleção de quem iria se responsabilizar pela produção, maquiagem, iluminação, execução das fotografias e ainda quais seriam os alunos que iriam servir de modelo para as releituras fotográficas.

As fotografias foram produzidas na própria sala de aula, com o envolvimento de toda a turma. Foram momentos mágicos, em que todos trabalharam, se divertiram, riram e participaram, dando opiniões, fotografando, interferindo, se expressando. As fotografias foram produzidas tanto em máquinas fotográficas

¹¹ Documentário Janela da Alma (João Jardim e Walter Carvalho, 73' 2001) Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=47VEtw2JMU0\(trailer\)](https://www.youtube.com/watch?v=47VEtw2JMU0(trailer))> Acesso em 11/08/2014. <[https://www.youtube.com/watch?v=QnNziTqjG0\(documentário completo\)](https://www.youtube.com/watch?v=QnNziTqjG0(documentário completo))> Acesso em 11/08/2014.

¹² VIVALDI, Cacá. DVD *Antonio Saggese: arqueologia da imagem*. Documentário 23'. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão, 2002.

¹³ VIVALDI, Cacá. DVD *As imagens de Rosângela Rennó*. Documentário 23'. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão, 2002.

quanto nos aparelhos celulares de todos os alunos. Todos queriam fotografar! Após a produção, as fotos foram selecionadas e trabalhadas em programas de computador para obter o efeito visual necessário, com o objetivo de ficar com o aspecto mais envelhecido e eliminar a cor, para ficar mais próxima de uma foto antiga (Figuras 8, 9, 10, 11 e 12).



Figura 8: Tipo indígena representada pela aluna Graciely Aparecida do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, 2015. Arquivo pessoal.



Figura 9: Maria do Carmo Motta Maia representada pela aluna Andressa Cunha do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, 2015. Arquivo pessoal.



Figura 10: Viscondessa de Cavalcanti representada pela aluna Rayane Mateus do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, 2015. Arquivo pessoal.



Figura 11: Baronesa do Retiro representada pela aluna Bruna Dias do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, 2015. Arquivo pessoal.



Figura 12: Barão do Retiro representado pelo aluno Caio Silva do 3º ano do Ensino Médio da E. E. Cel. Manuel Carneiro das Neves, 2015. Arquivo pessoal.

Ao final, o trabalho foi montado em uma apresentação em Power Point pelos alunos e apresentado para toda a escola. Além disso, os trabalhos fotográficos desenvolvidos durante todo o processo também foram apresentados em uma exposição na escola, na qual todos se envolveram na curadoria e na criação do texto de apresentação da exposição, bem como na seleção e impressão das fotografias para o processo de montagem da exposição.

3.2 Reflexões sobre a imagem na criação artística

Fazer a reflexão sobre os resultados do projeto e as experiências compartilhadas torna-se fundamental para o crescimento pessoal, tanto dos alunos, como do professor e de sua prática docente.

Na percepção conjunta dos caminhos traçados no projeto e dos passos seguidos no decorrer do processo estão presentes as adaptações, mudanças e reformulações que ocorreram no desenrolar das atividades para que os objetivos fossem alcançados.

Ao final do trabalho, pressupõe-se a existência de uma evolução em relação à prática/reflexão fotográfica. As imagens e as atividades vivenciadas sugerem desdobramentos que podem ser aplicados na vida, a partir das relações construídas através da forma de olhar e perceber o cotidiano e as pessoas. Interfere na percepção individual do mundo e de se posicionar perante o mesmo.

Nesse sentido, algumas questões podem ajudar na análise do resultado obtido: Houve desenvolvimento e envolvimento na execução dos trabalhos e na utilização dos equipamentos, com o domínio da técnica? Os alunos compreenderam a fotografia como linguagem das artes visuais? Perceberam

sua importância como registro, identidade e memória? Conheceram suas principais características em termos de materiais e linguagens? Desenvolveram o olhar como forma de percepção da realidade, percebendo as imagens que interferem nesse viver? As experiências com a fotografia trouxeram desafios vencidos pelos alunos? Houve entendimento, por parte deles, que a partir do conhecimento em fotografia, é possível res-significar imagens, expandindo estas reflexões para sua prática como artista e fotógrafo?

Decorrente disso, a avaliação foi sendo realizada de forma processual, durante todo o trabalho, analisando o envolvimento de cada um dos alunos e verificando sua evolução em cada uma das etapas, levando em consideração sua abordagem na prática fotográfica vivenciada. Foram analisadas as fotografias executadas individualmente, a produção das releituras fotográficas e o acabamento final nas fotografias selecionadas.

Para o desenvolvimento de uma percepção individual em relação ao seu próprio envolvimento, os alunos realizaram um debate coletivo, no qual exercitaram uma auto avaliação, em que puderam expor o que aprenderam sobre fotografia, o que acharam do projeto e da exposição “Retratos Oitocentistas do Museu Mariano Procópio”. O que eles consideraram que não foi bom na experiência e como poderia ter sido melhor. De que forma poderiam ter explorado melhor o assunto.

Entre os pontos positivos percebidos com o projeto e a presença da exposição “Retratos Oitocentistas do Museu Mariano Procópio”, pode-se citar:

- Oportunidade de levar aos alunos o conhecimento de obras do acervo do Museu Mariano Procópio.
- Facilidade de acesso aos alunos e à comunidade escolar e divulgação e aproximação das obras e do Museu Mariano Procópio.
- Conhecimento de personagens e da história local relacionada ao museu.
- Conhecimento de técnicas fotográficas da época.

- Contato com costumes e hábitos de vida retratados nas fotografias da época.
- Contribuição para a formação dos alunos, permitindo a aproximação deles com uma faceta da história local e com costumes de época.
- Ampliação do conhecimento sobre o patrimônio cultural.

Os depoimentos dos alunos também podem servir de parâmetro para a percepção dos mesmos em relação ao projeto como um todo. Alguns depoimentos dos alunos do 3º ano do Ensino Médio:

Arte e cultura, unidas...
traduzidas em fotografias
acervos, obras e relatos
Vidas, histórias e marcos.

Influenciaram na criação
de muito trabalho e dedicação,
esforços, cuidados para chegar à perfeição.

Essa foi a contribuição
de conhecimentos, vivências e experiências
que traduziram a arte do Museu Mariano Procópio,
vasta de representações e releituras
protagonizando um trabalho único.
(Éder Luiz dos Reis, 2015).

“Foi muito importante, pois mostrou a cultura do século XIX, a maneira de se vestir, as expressões e como as pessoas se comportavam quando tiravam fotografia”.

“A exposição fez com que interagíssemos e atuássemos com muita criatividade, encarnando os personagens da época”.

“A exposição de fotos, do Museu Mariano Procópio, trouxe para a escola um pouco da cultura dos antigos e o conhecimento dos quadros expostos no museu”.

“Eu achei legal. Conheci pessoas importantes para a nossa história”.

“Aprendemos como eram as fotografias antigas”.

“Conhecemos as roupas de época, os vestidos e o bigode”.

O projeto gerou resultados tão positivos, que acabou sendo estendido para as demais turmas nas aulas de arte durante o período da exposição do Museu Mariano Procópio na escola, sendo desenvolvido também com as turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e as turmas do 1º e 2º anos do Ensino Médio.

Foram promovidas visitas à exposição com todas as turmas, reflexões sobre as obras, esclarecimentos históricos sobre diversos assuntos relacionados, além de pesquisas efetuadas pelos alunos, com foco em temas específicos, tais como, povos indígenas e africanos. Nestas turmas, foram trabalhadas diversas técnicas e linguagens artísticas, entre elas, desenho, pintura e colagem.

Entre os depoimentos, vale a pena citar o de uma aluna do primeiro ano do ensino médio: “Achei muito interessante a oportunidade e a escolha da nossa escola para a exposição. Tivemos a oportunidade de conhecer a cultura dos povos antigos”.

As nossas escolhas refletem nossa forma de olhar o mundo. Podemos transformar as imagens em oportunidades de abrir caminhos para a construção de um mundo melhor.

Considerações finais

Os pressupostos iniciais que serviram de base para o desenvolvimento deste trabalho foram fundamentais para o êxito do mesmo, comprovando a possibilidade de que a relação entre o patrimônio cultural e o ensino de artes visuais podem trazer resultados satisfatórios em termos de docência artística.

No processo de criação, o envolvimento mútuo professor/aluno e a associação das vivências cotidianas, assim como a contextualização histórico-temporal dos temas relativos ao patrimônio cultural evidenciados no ensino de artes visuais, contribuem para a construção da identidade do aluno, instigando também para que exista uma reflexão em relação às imagens no mundo atual.

As conexões entre arte, docência e patrimônio cultural, neste sentido, também favorecem uma nova aprendizagem no que se refere à construção de diferentes sentidos e olhares em relação à criação em artes.

Assim, no ensino de artes visuais, novas construções imagéticas sobre o patrimônio cultural podem e devem sempre existir, a fim de criar novos caminhos e imagens artísticas ressaltando o patrimônio cultural.

**AUTORIZAÇÃO DE DIREITOS
SOBRE USO DE IMAGEM, NOME E OBRA ARTÍSTICA**

Pelo presente documento, eu, Graciely Aparecida Moura,
nacionalidade Brasileira,
estado civil Solteira, profissão estudante, portador do
documento de Identidade nº _____, CPF _____,
domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Bourneil José Henrique de Carvalho, nº 4, bairro
Paula Lima, AUTORIZO o uso de minha imagem, nome e foto artística
em todo e qualquer material, para fins de divulgação referentes ao trabalho sobre
representações e releituras fotográficas que foi realizado na EE Coronel Manuel
Carneiro das Neves, desenvolvimento na disciplina ARTE, sob a orientação da
professora Claudia Carvalho Gaspar Cimino, portador do documento de identidade nº
MG-2.797.429 SSPMG, domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Fernando Lobo, nº 258, bairro Centro, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo,
livre e espontaneamente, o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título
de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, bem como assino a presente
autorização.

Juiz de Fora / 20 de novembro de 2015.

Graciely Aparecida Moura

Assinatura do aluno

Assinatura do responsável

**AUTORIZAÇÃO DE DIREITOS
SOBRE USO DE IMAGEM, NOME E OBRA ARTÍSTICA**

Pelo presente documento, eu, Andressa Lima da Cunha e Silva, nacionalidade Brasileira, estado civil solteira, profissão estudante, portador do documento de Identidade nº 20.133.872, CPF 136.891.716-01, domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço Rua Vicente Góes, nº 898, bairro Paula Lima, AUTORIZO o uso de minha imagem, nome e foto artística em todo e qualquer material, para fins de divulgação referentes ao trabalho sobre representações e releituras fotográficas que foi realizado na EE Coronel Manuel Carneiro das Neves, desenvolvimento na disciplina ARTE, sob a orientação da professora Cláudia Carvalho Gaspar Cimino, portador do documento de identidade nº MG-2.797.429 SSPMG, domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço Rua Fernando Lobo, nº 258, bairro Centro, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, bem como assino a presente autorização.

Juiz de Fora / 20 de novembro de 2015.

Andressa Lima da Cunha e Silva
Assinatura do aluno

Assinatura do responsável

AUTORIZAÇÃO DE DIREITOS SOBRE USO DE IMAGEM, NOME E OBRA ARTÍSTICA

Pelo presente documento, eu, Rayane Mateus do nas
cimento, nacionalidade brasileira,
estado civil solteira, profissão membruma, portador do
documento de Identidade nº _____, CPF 138.707.616.79
domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Onofre de Oliveira Sales, nº 635, bairro
Cidade do Sol, AUTORIZO o uso de minha imagem, nome e foto artística
em todo e qualquer material, para fins de divulgação referentes ao trabalho sobre
representações e releituras fotográficas que foi realizado na EE Coronel Manuel
Carneiro das Neves, desenvolvimento na disciplina ARTE, sob a orientação da
professora Cláudia Carvalho Gaspar Cimino, portador do documento de identidade nº
MG-2.797.429 SSPMG, domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Fernando Lobo, nº 258, bairro Centro, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo,
livre e espontaneamente, o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título
de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, bem como assino a presente
autorização.

Juiz de Fora / 20 de setembro de 2015.

Rayane Mateus do Nascimento

Assinatura do aluno

Rayane M. do Nascimento

Assinatura do responsável

AUTORIZAÇÃO DE DIREITOS SOBRE USO DE IMAGEM, NOME E OBRA ARTÍSTICA

Pelo presente documento, eu, Bruna Samara Dias
Ferreira, nacionalidade brasileira,
estado civil solteira, profissão estudante, portador do
documento de Identidade nº 18.906.296, CPF 137.136.346-37,
domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Licante Kersch, nº 190, bairro
Paula Lima, AUTORIZO o uso de minha imagem, nome e foto artística
em todo e qualquer material, para fins de divulgação referentes ao trabalho sobre
representações e releituras fotográficas que foi realizado na EE Coronel Manuel
Carneiro das Neves, desenvolvimento na disciplina ARTE, sob a orientação da
professora Cláudia Carvalho Gaspar Cimino, portador do documento de identidade nº
MG-2.797.429 SSPMG, domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Fernando Lobo, nº 258, bairro Centro, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Desse modo, por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo,
livre e espontaneamente, o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título
de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, bem como assino a presente
autorização.

Juiz de Fora / 29 de setembro de 2015.

Bruna

Assinatura do aluno

Assinatura do responsável

AUTORIZAÇÃO DE DIREITOS SOBRE USO DE IMAGEM, NOME E OBRA ARTÍSTICA

Pelo presente documento, eu, Paio Sérgio da Silva,
nacionalidade brasileira,
estado civil solteiro, profissão estudante, portador do
documento de Identidade nº 19.830.601, CPF 134.941.686-01,
domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua A, nº 7, bairro
Chapéu Duro, AUTORIZO o uso de minha imagem, nome e foto artística
em todo e qualquer material, para fins de divulgação referentes ao trabalho sobre
representações e releituras fotográficas que foi realizado na EE Coronel Manuel
Carneiro das Neves, desenvolvimento na disciplina ARTE, sob a orientação da
professora Cláudia Carvalho Gaspar Cimino, portador do documento de identidade nº
MG-2.797.429 SSPMG, domiciliado e residente na cidade de Juiz de Fora, endereço
Rua Fernando Lobo, nº 258, bairro Centro, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo,
livre e espontaneamente, o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título
de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, bem como assino a presente
autorização.

Juiz de Fora / 27 de outubro de 2015.



Assinatura do aluno

Ana Patrícia da Trindade

Assinatura do responsável

Referências

ANTONIO, Carolina Maria Silva. *Educação Patrimonial: O Ensino de Artes Visuais através da Arquitetura Histórica do Rio de Janeiro*. TCC. Universidade de Brasília. IDA/ Instituto de Artes. Departamento de Artes Visuais. Itapetininga, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 434-452.

BRASIL, Constituição Federativa do Brasil, 1988. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>> Acesso em 27/09/2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em 27/09/2014.

BUCHMANN, Luciano. *As imagens de Rosângela Rennó / Instituto Arte na Escola*; autoria de Luciano Buchmann; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005.

CATELLI JUNIOR, Roberto. *Temas e linguagens da história: ferramentas para a sala de aula no ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2009.

COELHO, Luis Moraes et al. Fotografia e tecnologias contemporâneas. Vol. 2. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

FRONER, Yacy-ara. Pesquisa em/sobre ensino de artes visuais. Vol. 1. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

GASPAR, Claudia. *Reflexões sobre a Arte no contexto educativo*. Cadernos para o Professor (Juiz de Fora), Prefeitura de Juiz de Fora, v. 1, 2012, p. 11 - 13.

GOUTHIER, Juliana. História do Ensino da Arte no Brasil. Vol. 1. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de história: o trabalho com fontes*. Curitiba: Aymarã Educação, 2012.

GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Sueli. In *Educação pela arte*. Orlando Miranda (Org.). Depoimentos. Rio de Janeiro: Teatral, 2011, p. 189-198.

MARTINS, Mirian Celeste. *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo*. Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Teles Guerra. 1ª ed. Volume único. Livro do professor. São Paulo: FTD, 2009.

MEIRA, Beá. In *Educação pela arte*. Orlando Miranda (Org.). Depoimentos. Rio de Janeiro: Teatral, 2011, p. 53-62.

MORIN, Violette. *L'objet biographique*. Communications, 1969. Volume 13, p. 131-139.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processo de criação*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEDROSA, Sebastião Gomes e VASCONCELLOS, Rosa Maria Bezerra de. *Antonio Saggese: arqueologia da imagem* / Instituto Arte na Escola; autoria de Sebastião Gomes Pedrosa e Rosa Mari Bezerra de Vasconcellos; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios. APL/EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200 a 212. Rio de Janeiro: 1992.

RENNÓ, Rosângela. *Dois lições de realismo fantástico*, 1991. Disponível em <<http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/38/2>> Acesso em 17/out/2015.

RENNÓ, Rosângela. *Série Imemorial*, 1994. Disponível em <<http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/19/1>> Acesso em 17/out/2015.

RIZZI, Maria Christina de Souza lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RUSSI, Adriana et al. *Alguns apontamentos sobre a educação para o patrimônio*. In Mesa Redonda Patrimônio Cultural: Diálogos Entre a Arte e a Educação. XXI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil. São Luiz do Maranhão, 2011. Disponível em <<http://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/patrimonio-cultural-dialogos-entre-a-arte-e-a-educacao.pdf>> Acesso em 22/09/2014.

SANTANA, Aline Viana Vidigal e MELO, Elayne Luciana Leite de. “Museu vai à escola” – O Museu Mariano Procópio em itinerância. In MELO, Elayne Luciana Leite de. (Org.) *Encontro de Educadores do Museu Mariano Procópio*. Juiz de Fora: Templo, 2015, p. 157-166.

SANTOS, Geraldo. DVD *Isto é arte?* Documentário 12'. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 1999.

SCHLICHTA, Consuelo. *Mundo das ideias: arte e educação, há um lugar para a arte no ensino médio?* Curitiba: Aymará, 2009.

SCHMIDLIN, Elaine. *Isto é arte?* / Instituto Arte na Escola; autoria de Elaine Schmidlin; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.

VIVALDI, Cacá. DVD *Antonio Saggese: arqueologia da imagem*. Documentário 23'. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão, 2002.

VIVALDI, Cacá. DVD *As imagens de Rosângela Rennó*. Documentário 23'. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão, 2002.